

O Casal

Cesar Guimarães

- Melanie, precisamos conversar.
- O que foi?
- Preciso dizer que da maneira como estamos, não dá mais. Quero o divórcio.
- Sabia que você estava com outra! Sempre distante nos últimos tempos — as lágrimas começaram a descer pela face da mulher.
- Não é nada disso! Não estou com ninguém, mas nosso casamento já não funciona há bastante tempo. A verdade é que atualmente não temos nada em comum.
- Claro! Você não para em casa. Só quer saber de trabalhar — disse a mulher ainda chorando e simulando um sinal de aspas com as duas mãos, para enfatizar a última palavra.
- ...
- Sai cedo, trabalha até tarde (simulou as aspas com as mãos novamente) e volta sem querer mais nada. Isso quando não sai nestes encontros com os amigos do século passado — se é que eles acontecem, mesmo!
- Trabalho duro para manter esta casa e seus luxos. Tenho uma empresa para tocar. E encontro meus amigos 1 vez por mês. Somos companheiros há 25 anos. Não é pouco tempo! Gostamos de nos confraternizar, para relaxar e deixar de lado o dia a dia.
- E com isso deixa a família na mão!
- Acho que o melhor é você se acalmar, para podermos conversar civilizadamente.
- Conversar civilizadamente é o caralho! Você simplesmente chega e diz que vai me descartar depois de todos estes anos! E eu ainda devo ficar calma?
- Realmente, você tem razão. Nada de ficar calmo. Este casamento está uma merda, eu não gosto mais de você e estou saindo fora. Pronto. Está avisada!
- Não se atreva. Você vai sofrer as consequências!

Guilherme bateu a porta atrás de si.

Guilherme e Melanie se conheceram na faculdade de administração e começaram a namorar. Daí, partiram logo para o noivado e casamento. Montaram a empresa de tecnologia pouco tempo depois da formatura e esta foi crescendo. A partir de um certo momento, decidiram que Melanie podia se dedicar a outras coisas (basicamente compras e viagens), além de acompanhar, remotamente, a parte financeira da empresa. Estavam casados há 17 anos e não tinham filhos. Nos últimos tempos foram se afastando, sem que houvesse nenhum acontecimento específico que desencadeasse este distanciamento. O fato, é que para ele tudo tinha acabado. Melanie, por seu lado, tinha a falsa sensação de que estava tudo bem com eles e ficou realmente surpresa com o fim do matrimônio.

Ele era um tipo mais tranquilo, apesar de aguerrido empresarialmente. Ela era mais passional e dada a crises de fúria em algumas ocasiões.

Fim da história? Não, meu caro e desinformado leitor!

Guilherme alugou um apartamento pequeno, enquanto se resolviam as coisas legais. Melanie, inconformada, não aceitava o fim do casamento. Ela continuou no grande apartamento do casal.

Alguns dias depois da conversa e da separação, Melanie saiu. Após algum tempo estacionou o carro e olhou pela janela. A placa dizia: “Polícia civil — Delegacia da mulher”. A mulher ficou um longo tempo parada, sem sair do carro. “Aquele desgraçado bem que merecia uma denúncia de ameaça de violência só pra encher o saco dele. Mas ele não ameaçou fazer nada. Seria bem injusto. Mas não é injusto largar um casamento de 17 anos, sem motivo? Sei lá, faço ou não essa denúncia falsa? E se descobrirem a verdade? Aí sim, eu acabo de me foder. Mas ele tem que sofrer uma represália! Isso não pode ficar barato”. Melanie ligou o carro, deu seta e saiu para a rua. Ficou dando algumas voltas no quarteirão, sem se decidir. Por fim, passou direto pela delegacia e seguiu a rua em direção à sua casa.

Nos dias seguintes as coisas foram ficando piores para ela. O fardo emocional crescia e a depressão aumentava. Mais de uma vez pensou em se matar. Da primeira vez, pegou todos os comprimidos calmantes de uma caixa fechada e jogou na boca. No entanto, faltou coragem. Cuspiu imediatamente. As lágrimas começaram a aumentar e o choro tornou-se convulsivo. Jogou-se no sofá e acabou dormindo ali mesmo.

Nos dias seguintes ia tentar o suicídio novamente, por várias vezes e usando diversos métodos, mas a coragem faltou na última hora e o chumbinho, o revólver, a soda cáustica, a corda para o enforcamento, o frasco com álcool e a caixa de fósforos foram todos ficando espalhados pela casa. Casa que já não recebia mais cuidado algum. Dispensara a diarista. Dormia pouco. Roía as unhas sem parar. O cabelo ficava sempre sem pentear. Só não dispensara o banho, mas ia para o chuveiro à força. Trabalho? Nem pensar! Mas, por fim, estava decidida...

Guilherme, por outro lado, tocava a vida como podia. Ficava até muito mais tarde na empresa. Não queria ficar com ninguém no momento. Ao contrário do que pensara, sair de um casamento de 17 anos não era tão simples assim. Contratou um advogado e, em uma das raras vezes em que atendeu ao telefonema de Melanie aconselha-a a fazer o mesmo. Enfim, como já informei ao desatento leitor, tocava a vida como podia.

As ligações de Melanie foram ficando mais raras, ainda que ainda acontecessem. Numa destas vezes, ele atendeu e ela insistiu para que ele fosse até lá para conversarem definitivamente uma última vez. Relutantemente ele aceitou. “Afinal ela merece um pouco de atenção, se bem que eu espero mesmo é ouvir uma lenga-lenga e uma choradeira só!”

Tocou a campainha e Melanie o colocou para dentro, sem se preocupar em trancar a porta da rua.

Guilherme olhou para ela: olheiras profundas, trêmula, gaguejante, assanhada (ainda que tivesse penteado o cabelo, provavelmente com as mãos). Mesmo neste estado era uma mulher bonita, mas estava destruída. Pegou sua mão esquerda e notou as unhas roídas ao ponto de terem sangrado. O mesmo com a mão direita.

— Nossa! Você está péssima! Precisamos resolver isso logo e fazer você viver de novo, arranjar alguém melhor que eu, avançar sua vida. Contratou advogado?

— Advogado é o caralho! E foi se encaminhando para a cozinha com Guilherme atrás.

Melanie encheu um copo com água e bebeu, jogando o copo na parede depois. Quando o copo se estilhaçou, espalhando cacos de vidro para toda parte, Guilherme gritou, sacudindo a mulher:

— Que que é isso, Melanie. Se acalme. — gritou.

— Em pouco tempo você vai ficar bem, você vai ver! – continuou, abaixando a voz.

Melanie dirigiu-se o armário do lado do fogão, abriu a gaveta do meio e pegou um facão.

— Me acalmar um cacete! Socorro! Eu quero minha vida de volta, do jeito que era. Mas como você é mesmo um filho da puta, eu deveria te matar! Empunhou a faca na direção de Guilherme, gritando. Este se afastou, amedrontado, tentando evitar de ter que entrar numa luta com Melanie para tomar o facão.

— Você quer passar o resto da vida na cadeia, mulher louca?

— Louca é a vovozinha, seu bosta. Mas tem razão nesse ponto. Melhor eu me matar!

Aliás, a maior parte do diálogo foi berrado, o que acabou por chamar a atenção dos vizinhos.

— Solte a faca, Melanie. Não seja criança! Ninguém precisa e nem vai matar ninguém.

— Criança é a puta que o pariu! E não solto merda de faca nenhuma!

De repente a campainha tocou. Como não houve resposta. Insistiram várias vezes.

Neste meio tempo, Melanie, ainda empunhando a faca, começou a chorar mais. Guilherme só torcia para que quem quer que estivesse na porta entrasse e o ajudasse a tomar a faca das mãos da mulher desorientada. Mas estavam demorando.

— Melanie, solte essa faca agora e vamos conversar.

— Se o gênio ainda não descobriu, estamos numa porra de uma conversa! — gritou Melanie.

— Solte a faca para continuarmos a conversa, então.

— Vou fazer melhor!

De repente, a mulher virou a faca para si mesma. Olhou nos olhos de Guilherme e enfiou a faca na própria barriga e a rodou. Imediatamente caiu no chão. Guilherme, desorientado, curvou-se sobre ela e, no afã de salvá-la retirou a faca. Mas descobriu que ela já estava morta. Levantou-se e nem ouviu os passos se encaminhando para a cozinha. Quando os dois policiais convocados pelos vizinhos amedrontados com a gritaria chegaram ao cômodo, Guilherme estava em pé com a faca nas mãos ensanguentadas, próximo ao corpo sem vida de Melanie.